



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA – UEPB
CURSO DE LETRAS

LINDALCI RODRIGUES LIMEIRA

O POSICIONAMENTO POLÍTICO ATRAVÉS DE
CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE E PABLO NERUDA

CAMPINA GRANDE – PB

2012

LINDALCI RODRIGUES LIMEIRA

**O POSICIONAMENTO POLÍTICO ATRAVÉS DE
CARLOS DRUMMOND ANDRADE E PABLO NERUDA**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado como pré-requisito para
obtenção do título de Licenciatura em
Letras pela Universidade Estadual da
Paraíba.

Orientador: Alessandro Giordano

CAMPINA GRANDE – PB

2012

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA
CENTRAL – UEPB

L733p

Limeira, Lindalci Rodrigues.

O posicionamento político através de Carlos
Drumond de Andrade e Pablo Neruda [manuscrito]
/ Lindalci Rodrigues Limeira. – 2012.

52f. : il. : p&b.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação
em Letras) – Universidade Estadual da Paraíba,
Centro de Educação, 2012.

“Orientação: Prof. Esp. Alessandro Giordano
Departamento de Letras”.

1. Crítica Literária 2. Poesia 3. Literatura
Brasileira 4. Literatura Chilena I. Título.

21. ed. CDD 801.95

LINDALCI RODRIGUES LIMEIRA

**O POSICIONAMENTO POLÍTICO ATRAVÉS DE CARLOS
DRUMMOND DE ANDRADE E PABLO NERUDA**

Trabalho Monográfico aprovado em: 30 de NOVEMBRO de 2012

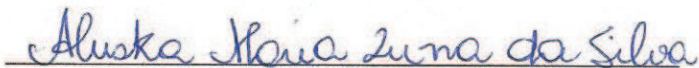
TRIBUNAL



Prof^º Esp. Alessandro Giordano
Orientador



Prof^º Esp. Clebson Moraes de Assunção
Examinador



Prof^ª. Aluska Maria Luna da Silva
Examinadora

Media: 70

CAMPINA GRANDE – PB

NOVIEMBRE/2012

Estes poetas são meus. De todo o orgulho, de toda a precisão se incorporam ao fatal meu lado esquerdo. Furto a Vinicius sua mais límpida elegia. Bebo em Murilo.

Que Neruda me dê sua gravata chamejante. Me perco em Apollinaire. Adeus, Maiakovski.

São todos meus irmãos, não são jornais nem deslizar de lancha entre camélias: é toda a minha vida que joguei.

*Carlos Drummond Andrade
A Rosa do povo (1945)*

RESUMO

Neste trabalho buscou-se compreender as raízes do engajamento do poeta brasileiro Carlos Drummond de Andrade e do poeta chileno Pablo Neruda. Para isso foi realizada uma análise dos seus comportamentos políticos e de seus discursos no contexto de suas relações com o comunismo, o antifascismo, e a Guerra na União Soviética, através de quatro poemas encontrados em seus livros *A Rosa do Povo* e *Terceira Residência*. Refletindo sobre suas tomadas de posição a favor do comunismo, da revolução e suas relações indiretas com a cultura política comunista, considerando suas contradições e opiniões do que foi a Batalha de Stalingrado. Enfim, enfatizou-se como a palavra poética, serviu de instrumento de combate e ação política e como estes dois poetas estavam interligados em pensamentos e ações mesmo estando em uma distância geográfica, onde ambos explicitaram através de seus pensamentos e versos as questões políticas e sociais.

PALAVRAS CHAVE: Carlos Drummond Andrade. Pablo. Neruda. Antifacismo.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Carlos Drummond de Andrade, poeta, contista e cronista	13
Figura 2 - Pablo Neruda um dos mais importantes poetas chilenos do século XX	15

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	7
OBJETIVOS.....	9
OBJETIVO GERAL	9
OBJETIVOS ESPECÍFICOS	9
JUSTIFICATIVA.....	10
MÉTODO.....	11
TEMAS DA PRODUÇÃO ESTUDADA.....	12
 CAPÍTULO I - BREVE RELATO DE VIDA E OBRA DE CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE E PABLO NERUDA	 13
1.1 CARLOS DRUMMOND ANDRADE (1902 – 1987).....	13
1.2 PABLO NERUDA (1904 – 1973).....	15
1.3 RELAÇÃO EXISTENTE ENTRE DRUMMOND E NERUDA: PARTICIPAÇÃO SOCIAL	17
1.4 POESIA: POLÍTICA, UTOPIA E RESISTÊNCIA.....	18
 CAPÍTULO II - ANÁLISE DOS POEMAS “A CARTA A STALINGRADO E CANTO A STALINGRADO”	 21
 CAPÍTULO III – ANÁLISE DOS POEMAS “TELEGRAMA DE MOSCOU E NUEVO CANTO DE AMOR A STALINGRADO	 24
 CONSIDERAÇÕES FINAIS	 29
REFERÊNCIAS.....	30
ANEXOS	32

INTRODUÇÃO

Carlos Drummond Andrade (1902 – 1987) e Pablo Neruda (1904 – 1973) contemplaram a mais sublime arte da palavra: a poesia. Como muitos artífices, eles souberam trabalhar papéis brancos e palavras soltas, a tessitura certa para cantar a vida e revelar o que se ia ao mais profundo íntimo de suas almas, e pelos fatos ocorridos no mundo em seu tempo.

Aqui, rompe-se a linha da distância, ultrapassam-se as barreiras entre os países em que os autores se localizam e unem-se os cantos poéticos de Pablo Neruda e Carlos Drummond Andrade em um só fio, o fio vivificador da vida política e do pós-guerra, que faz com a arte poética se reproduza e seja ouvida por aqueles que procuram a Poesia.

O que se pretende realizar neste trabalho é uma leitura atenta e comparativa de dois poemas de Carlos Drummond de Andrade, e dois de Pablo Neruda, acreditando ser possível encontrar neles aspectos de linguagem atinentes à perplexidade dos poetas diante do contexto histórico compreendido entre os conturbados e violentos anos da Segunda Guerra Mundial (1939-1945). Os poemas a serem estudados são “Carta a Stalingrado” e “Telegrama de Moscou” do livro *A Rosa do Povo* de Drummond e “Canto a Stalingrado” e “Nuevo canto de amor a Stalingrado” do livro *Terceira Residência* de Neruda.

Em cada poema encontra-se o mais puro sentimento dos efeitos dos impactos provocados pela Segunda Guerra Mundial, procurando verificar também as relações entre esses impactos e a postura ética de resistência e utopia explicitamente marcadas na voz poética, transformando suas dores em dons poéticos. Entende-se por utopia o território de idealizações políticas e sociais construídas como modelo de sociedade civilizada a ser seguida, a partir da constatação de um mundo historicamente degradado, consequência do funcionamento tirânico de suas instituições.

Para esses autores, a poesia deve ser entendida como um mecanismo de resistência simbólica à opressão, subvertendo a ordem estabelecida por discursos ideologicamente dominantes, e propondo implicitamente uma nova forma de

organização social. A poesia reveste-se de um papel social que interage com as expectativas de seus leitores, provocando neles reflexões em torno de suas condições de existência em face do poder opressivo e, no limite, a resistência a ele.

Neste trabalho, compara-se quatro poemas de dois poetas da Literatura Brasileira e Espanhola, com o intuito de mostrar como é trabalhado o posicionamento político em duas visões antinazista da Segunda Guerra Mundial, em dois livros “*A Rosa do Povo*” e a *Terceira Residência*” e que se interligam por um mesmo fio, unidos a cidadãos mortos e a uma cidade destruída em meio a bombas.

Divide-se, assim, em três partes:

- I. a primeira, correspondendo a um breve relato da vida e obras de Carlos Drummond de Andrade e Pablo Neruda mostrando a distinção de localização e a mesma união guiada pelo tempo e pela dor expressa em suas obras.
- II. a segunda parte, Carlos Drummond de Andrade e Pablo Neruda em “A Carta a Stalingrado e Canto a Stalingrado”, uma análise dos poemas que influenciaram suas caminhadas enquanto poetas;
- III. a terceira parte, Carlos Drummond de Andrade e Pablo Neruda em “Telegrama de Moscou e Nuevo canto de amor a Stalingrado”, correspondendo à esperança de reconstrução da cidade de Stalingrado devastada pelos alemães.

OBJETIVOS

OBJETIVO GERAL

Realizar análise comparativa por meio da técnica de literatura comparada, a cerca dos efeitos e impactos provocados pela Segunda Guerra Mundial (1939-1945) na forma e na linguagem dos poemas “Carta a Stalingrado” e “Telegrama de Moscou”, do livro *A Rosa do Povo* (1945) de Carlos Drummond Andrade e dos poemas “Canto de amor a Stalingrado” e “Nuevo canto de amor a Stalingrado”, do livro *Terceira Residência* (1947) de Pablo Neruda.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Avaliar o comportamento político e o discurso poético dos escritores;
- Realizar breve relato da vida e obra dos dois escritores;
- Analisar a relação existente entre os dois poetas e suas participações sociais, tanto no Brasil como na Espanha;
- Procura-se verificar também as relações entre os impactos da Guerra e a postura ética de resistência e utopia explicitamente marcadas na voz poética.

JUSTIFICATIVA

De todos os feitos dos povos em luta pela liberdade e contra a opressão ao longo da história, sem dúvida um dos maiores foi a vitória dos comunistas sobre as forças fascistas na cidade de Stalingrado. Um feito épico, tenebroso, mortal, incomensurável em seu sofrimento, na sua luta, na justeza da tática e da estratégia, na soma de esforços, na inquebrantável força espiritual dos que lutam pela liberdade, contra o terror e a opressão.

O interesse em estudar a literatura comparada através de poemas épicos e que retratam a verdadeira situação vivida por pessoas e pela cidade de Stalingrado, além de contribuir para o engrandecimento cultural, mostrará a relação que esta pesquisa e a análise representa, como forma de preocupação em mostrar a relação existente entre dois poetas de nacionalidades diferentes mas com um mesmo pensamento, uma mesma atitude em ecoar seus veros e cantos por uma mesma causa: a política vista pelo social, pelo povo. Desta forma, este trabalho é um contributo na área de literatura como referência para pesquisas posteriores.

MÉTODO

Há inúmeros caminhos para refletir-se sobre a produção de um conhecimento de uma área. Neste estudo, a opção foi por uma revisão literária, realizada a partir de uma abordagem de pesquisa qualitativa.

Em termos de tipo de fonte de pesquisa, trabalhou-se com pesquisas através de pensamentos de autores da área, como também artigos científicos, monografias e dissertações publicados em periódicos de Letras como também através de leitura dos livros citados anteriormente e utilizados como base central de estudo para a realização deste trabalho, *A Rosa do Povo* (1945) de Carlos Drummond de Andrade e *Terceira Residência* (1947) de Pablo Neruda. Essa modalidade de produção, além de ser comumente a mais valorizada no conjunto da produção bibliográfica, é a mais facilmente acessada.

A análise qualitativa dos conteúdos foi realizada a partir de uma adaptação da *técnica de análise de conteúdo*, modalidade temática, descrita por Bardin (1979). Para essa autora, o tema é uma unidade de significação que se liberta do texto analisado e pode ser traduzido por um resumo, por uma frase ou por uma palavra. Ainda para a autora, para chegar-se ao tema, faz-se necessário "*descobrir os núcleos de sentido que compõem a comunicação e cuja presença, ou frequência de aparição, podem significar alguma coisa para o objetivo analítico escolhido*" (p. 105). Com essa técnica, pode-se caminhar, também, na direção da "*descoberta do que está por trás dos conteúdos manifestos, indo além das aparências do que está sendo analisado*" (p. 74).

Em síntese, basicamente, foram percorridos os seguintes passos de análise: (a) leitura exaustiva de cada artigo, visando a uma compreensão global e à descoberta da abordagem utilizada pelos seus autores; (b) identificação das ideias centrais de cada artigo; (c) comparação entre os diferentes núcleos de sentido presentes nos artigos estudados; (d) classificação dos núcleos de sentido em eixos mais abrangentes (temas) em torno dos quais giravam as discussões dos autores e (e) redação das sínteses interpretativas de cada tema.

TEMAS DA PRODUÇÃO ESTUDADA

A partir das ideias centrais dos artigos e do agrupamento dessas ideias em torno de núcleos de sentido, chegou-se a três temas que podem sintetizar a produção estudada: Vida e Obra dos poetas estudados, Relação existente entre poesia, política, utopia e resistência; e uma análise dos poemas “Carta a Stalingrado”, “Telegrama de Moscou”, “Canto de amor a Stalingrado” e “Nuevo canto de amor a Stalingrado”. Tais temas, embora possam ser entendidos como classificações que estruturam a discussão, necessariamente, não seguem o princípio de exclusão mútua, pois ambos se completam e formulam um entendimento.

CAPÍTULO I – BREVE RELATO DE VIDA E OBRA DE CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE E PABLO NERUDA

1.1 CARLOS DRUMMOND ANDRADE (1902 – 1987)

Figura 1: Carlos Drummond de Andrade, poeta, contista e cronista



Poeta, cronista, contista e tradutor brasileiro. Sua obra traduz a visão de um individualista comprometido com a realidade social. Carlos Drummond de Andrade nasceu em Itabira do Mato Dentro - MG, em 31 de outubro de 1902. De uma família de fazendeiros em decadência, estudou na cidade de Belo Horizonte e com os jesuítas no Colégio Anchieta de Nova Friburgo RJ, de onde foi expulso por "insubordinação mental".

De novo em Belo Horizonte, começou a carreira de escritor como colaborador do *Diário de Minas*, que aglutinava os adeptos locais do incipiente movimento modernista mineiro. Ante a insistência familiar para que obtivesse um diploma, formou-se em farmácia na cidade de Ouro Preto em 1925.

Fundou com outros escritores *A Revista*, que, apesar da vida breve, foi importante veículo de afirmação do modernismo em Minas. Ingressou no serviço público e, em 1934, transferiu-se para o Rio de Janeiro, onde foi chefe de gabinete

de Gustavo Capanema, ministro da Educação, até 1945. Passou depois a trabalhar no Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional e se aposentou em 1962. Desde 1954 colaborou como cronista no *Correio da Manhã* e, a partir do início de 1969, no *Jornal do Brasil*.

O modernismo não chega a ser dominante nem mesmo nos primeiros livros de Drummond, *Alguma poesia* (1930) e *Brejo das almas* (1934), em que o poema-piada e a descontração sintática pareceriam revelar o contrário. A dominante é a individualidade do autor, poeta da ordem e da consolidação, ainda que sempre, e fecundamente, contraditórias (Biografia Carlos Drummond Andrade <http://www.releituras.com/drummond_bio.asp > Acesso em: 19 outubro 2011).

Em *Sentimento do mundo* (1940), em *José* (1942) e sobretudo em *A rosa do povo* (1945), Drummond lançou-se ao encontro da história contemporânea e da experiência coletiva, participando, solidarizando-se social e politicamente, descobrindo na luta a explicitação de sua mais íntima apreensão para com a vida como um todo.

O título do livro, *A Rosa do Povo*, além de ser o resumo das grandes temáticas da obra, nota-se que, a rosa indica o desabrochar de uma nova realidade, tão esperada pelo poeta. E a expressão “do povo” pode estar ligada a uma tendência esquerdista, socialista, muito presente em vários momentos do livro e anunciadas pela crítica ao universo capitalista na primeira (“Melancolias, mercadorias espreitam-me.”) e terceira estrofes (“Sob a pele das palavras há cifras e códigos.”). O novo mundo, portanto, teria características socialistas (ANDRADE, 2002).

Reflete a maturidade que o poeta alcançou desde sua estreia. Além de acentuado progresso técnico-formal, estão presentes duas conquistas decisivas para a evolução de nossa literatura: o realismo social, particularmente penetrante e que não se restringe, apenas ao lirismo da poesia engajada; a poesia poética, alimentada pela reflexão introspectiva sobre o sentido da escrita como obra de arte.

Consegue ter uma visão mais clara e menos comprometida pela alienação dos que se preocupam em cumprir seus compromissos rotineiros. Para a compreensão dessa obra, bastante útil é lembrar a data de sua publicação: 1945. Trata-se de uma época marcada por crises fenomenais, como a Segunda Guerra

Mundial e, mais especificamente ao Brasil, a Ditadura Vargas. Drummond mostra-se uma antena poderosíssima que capta o sentimento, as dores, a agonia de seu tempo (ANDRADE, 2002).

Nessa época, o mundo vivia os horrores da Segunda Guerra Mundial, e Drummond, que nunca fora alheio a questões ideológicas ou humanas, aos sofrimentos ou à dor na cidade ou no campo, escreveu nesse livro (ao lado de outros diversos temas) sua indignação e tristeza melancólica com o mundo, com a violência e com a necessidade de se ter uma ideologia.

Este é o mais extenso e o mais variado dos livros de Drummond, sendo 55 poemas, alguns longos. Nele desfilam os principais temas de sua obra; o verso livre e a estrofação irregular alternam com versos de métrica tradicional dispostos em estrofes regulares; o estilo ora é “puro”, elevado, “poético”, ora é “mesclado” (mistura de elevado e vulgar, sério e grotesco).

Alvo de admiração irrestrita, tanto pela obra quanto pelo seu comportamento como escritor, Carlos Drummond de Andrade morreu no Rio de Janeiro RJ, no dia 17 de agosto de 1987, poucos dias após a morte de sua filha única, a cronista Maria Julieta Drummond de Andrade.

1.2 PABLO NERUDA (1904 – 1973)

Figura 2: Pablo Neruda um dos mais importantes poetas chilenos do século XX.



Pablo Neruda, pseudônimo de Nefatli Ricardo Reyes Basoalto, nasceu a 12 de julho de 1904, em Parral, no Chile. Prêmio Nobel de Literatura de 1971, sua poesia transpira em sua primeira fase o romantismo extremo de Walt Whitman. Depois vieram a experiência surrealista, influência de André Breton, e uma fase curta bastante hermética. Marxista e revolucionário, cantou as angústias da Espanha de 1936 e a condição dos povos latino-americanos e seus movimentos libertários. Diplomata desde cedo, foi cônsul na Espanha de 1934 a 1938 e no México. Desenvolve intensa vida política e pública, de 1921 a 1940, entre outras as seguintes obras: *La canción de la fresta*, *Crepusculario*, *Veinte poemas de amor y una canción desesperada* (1924).

Em meados da década de 1930, Neruda viveu em Barcelona e Madri, trabalhando como diplomata. A Guerra Civil Espanhola e o assassinato do escritor Federico García Lorca, a quem Neruda conhecia, o afetaram profundamente: juntou-se ao movimento republicano antifranquista, e sua poesia, até então bastante esotérica e surrealista, sofreu uma guinada política. É nesse período que surge a parte de *Terceira residência* chamada "Espanha no coração", escrita durante a guerra civil e impressa no front de combate (SKEREPETZ, 2007).

O fracasso da experiência republicana na Guerra Civil Espanhola não esmoreceu as crenças de Neruda num mundo melhor. Tendo atravessado a Grande Guerra e a subsequente Guerra Fria entre viagens pelo mundo, perseguições políticas e refúgios ocasionais em Isla Negra (sua residência particular), Neruda continuou a pregar sua insatisfação contra as desigualdades sociais e os males dos sistemas políticos.

Este sentimento de unidade não duraria muito tempo - mas Neruda o sabia, por trás dele estava o verdadeiro sentimento poético, o sentimento do povo os reais atores de toda a luta fratricida e inglória eram a gente do povo, que lutava por causas desconhecidas e pela promessa de certeza dos seus líderes.

Os demais poemas que compõem o livro *Terceira Residência* que pela primeira vez o leitor brasileiro tem em mãos foram escritos até 1945 e revelam a tensão gerada pela Segunda Guerra Mundial. Terceira residência teve sua primeira publicação em 1947, quando Neruda já voltara a residir no Chile, tornando-se o livro mais apaixonado e violento do poeta, versando sobre sangue vertido e liberdade dos

povos, e preparando terreno para o surgimento de *Canto geral*, uma das suas obras mais importantes (MATVEJEVITCH, 1979).

Alternando a vida literária com a diplomática, Pablo Neruda era o embaixador chileno na França quando ocorreu o golpe de Estado que depôs o presidente Salvador Allende. De volta ao Chile, sofreu perseguições políticas e morreu pouco depois, sendo enterrado em sua casa de Isla Negra, ao sul do Chile em 1973.

Em sua obra destacam-se *Residência na Terra* (1933), *España en el corazón* (1937, inspirado na Guerra Civil Espanhola), *Canto Geral* (1950), *Cem sonetos de amor* (1959), *Memorial de Isla Negra* (1964), *A espada incendiada* (1970) e a autobiografia póstuma, *Confesso que vivi* (1974), um emocionante testemunho do tempo e das emoções de uma grande poeta. Em 1971, Neruda recebeu o Prêmio Nobel de Literatura e o Prêmio Lênin da Paz. Antes havia sido agraciado com o Prêmio Nacional de Literatura (1945).

1.3 RELAÇÃO EXISTENTE ENTRE DRUMMOND E NERUDA: PARTICIPAÇÃO SOCIAL

Curiosamente, Carlos Drummond de Andrade, autor canônico, para muitos o maior dos poetas brasileiros, foi o primeiro a se referir a Neruda, em “Consideração do poema”:

Estes poetas são meus. De todo o orgulho, de toda a precisão se incorporam ao fatal meu lado esquerdo. Furto a Vinicius sua mais límpida elegia. Bebo em Murilo.
Que Neruda me dê sua gravata chamejante. Me perco em Apollinaire.
Adeus, Maiakovski.
São todos meus irmãos, não são jornais nem deslizar de lancha entre camélias: é toda a minha vida que joguei. (ANDRADE, 1978, p.)

Presente no livro *A Rosa do Povo*, de 1945, Neruda é colocado lado a lado com outros grandes poetas da modernidade, ligados devido a sua condição criadora e ousadia no tratamento da linguagem. Por ser *A Rosa do Povo* o livro representativo do momento de maior empenho político que a poesia de Drummond alcançou, poderíamos, a princípio, arriscar uma leitura que relacione a citação de Neruda a sua participação intelectual diante da iminente segunda guerra, tema

frequente no livro de Drummond e preocupação maior de Neruda naquele momento - basta lembrar a publicação de “España en El Corazón” alguns anos antes. Esta leitura, de certa forma plausível, pode até ganhar força pelo fato de Neruda dividir espaço com outro nome célebre do engajamento poético, Maiakovski. Colocando Neruda ao lado do poeta russo, o poema anuncia aqueles que, talvez ao lado de Brecht, são os símbolos máximos de uma poesia combatente, engajada e aberta à luta política no século XX (PAULA, 2009).

No entanto, o mais provável é que a militância alegada por Drummond seja de outra ordem: a militância da linguagem. Basta lembrar que Maiakovski e Neruda – principalmente na chamada fase residenciária – foram também ícones da inovação formal, do experimentalismo de ritmos, enfim, da ousadia estética, assim como o outro grande nome das vanguardas poéticas que se segue na estrofe de Drummond: Apollinaire. É interessante observar que a figura de Neruda estreia na literatura brasileira não como o poeta libertário, porta-voz da América literária, mas sim com a sua “gravata chamejante”, isto é, com a engenhosidade imagética, os ritmos desconexos, e a visão apocalíptica da vida urbana que são os núcleos mais sintomáticos do surrealismo vigoroso de *Residencia en la Tierra* (1933).

1.4 POESIA: POLÍTICA, UTOPIA E RESISTÊNCIA

Entendemos por utopia o território de idealizações políticas e sociais construídas como modelo de sociedade civilizada a ser seguida, a partir da constatação de um mundo historicamente degradado, consequência do funcionamento tirânico de suas instituições.

Em *A rosa do povo*, Drummond testemunha sua reação ante a dor coletiva e a miséria do mundo moderno, com seu mecanismo, seu materialismo, sua falta de humanidade. Essa fase enriqueceu sua essencialidade lírica e emocional, e, através da profunda consciência artística, o poeta atingiu a plenitude, a cristalização, a humanização, sob a forma suave e terna, em que o itabirano mergulha no lençol profundo de sua província e de seus antepassados, para melhor compreender a

“máquina do mundo”, a angústia de seu tempo, o desamoramento do homem contemporâneo, com um largo sentimento de fraternidade.

Os poemas de *A rosa do povo* foram escritos nos anos sombrios da ditadura de Vargas e da Segunda Guerra Mundial. Os acontecimentos provocam o poeta, que se aproxima da ideologia revolucionária anticapitalista de inspiração socialista, e manifesta sua revolta e sua esperança em poemas indignados e intenso.

No caso de Drummond, a experiência de guerra não foi vivida de perto, tampouco o poeta se armou com armas de fogo para combater no front e daí encontrar inspiração para criar seus poemas. Embora, de acordo com ele mesmo, “até os poetas se armam” (SANT’ANNA apud DRUMMOND, 2002, p. 16). Enquanto a catástrofe ocorria na Europa, no Brasil, do outro lado do Atlântico, Drummond recebia com perplexidade as notícias que lhe chegavam pelo rádio, por cartas ou telegramas. Nesse sentido, não se deve procurar nos poemas em estudo aspectos formais que os identifiquem como sendo caracterizados por uma linguagem traumatizada. Entretanto, será possível notar em alguns procedimentos de construção estética a produção de imagens e sentidos estreitamente relacionados aos efeitos da guerra absorvidos à distância (geográfica) pelo poeta.

A poesia deve ser entendida como um mecanismo de resistência simbólica à opressão, subvertendo a ordem estabelecida por discursos ideologicamente dominantes, e propondo implicitamente uma nova forma de organização social.

Para Bosi (2000), a poesia deve revelar-se em duas dimensões necessárias ao entendimento de suas representações. Primeiramente, ela é o “ser” que comporta em si os elementos estéticos que a fazem existir enquanto tal, a saber, seus componentes sonoros, imagéticos e figurativos. Em seguida, na categoria de entidade pertencente à história e, por esse motivo, ao “tempo”, a poesia reveste-se de um papel social que interage com as expectativas de seus leitores, provocando neles reflexões em torno de suas condições de existência em face do poder opressivo e, no limite, a resistência a ele.

Como político, Neruda foi antes de tudo um visionário, tinha uma sensibilidade profética, capturava a verdade das coisas antes de todos porque estava em uma assombrosa simbiose com a humanidade e sua história. Pressentia muitas das

tragédias que se abateriam sobre os homens de sua época e as interpretava com seu coração de poeta. Foi assim, por exemplo, ao vaticinar em altos brados os horrores de uma guerra, no doloroso livro *España en el corazón* (1937), ao prever as desgraças da bomba atômica antes mesmo de ser lançada, ao intuir com clareza o plano que se organizava nas sombras para derrubar Allende, e ao pressagiar o terror da ditadura que cairia sobre o seu país com as derradeiras palavras que teria dito antes de morrer: “Los están fusilando, los están matando” (TEITELBOM, op cit, 2000, p. 492).

Por trás daquelas atitudes apaixonadas, em Neruda havia na verdade um poeta participante, que com sua voz e seus versos, queria proteger a dignidade humana, lutar contra a opressão e, sobretudo, defender a paz no mundo. De julho de 1945, aos quarenta e um anos de idade, mas pelo menos dez anos antes, ele já havia percebido que os comunistas representavam “a grande força revolucionária capaz de transformar o Velho Mundo capitalista e construir uma sociedade justa” (AGUIRRE, 1967).

CAPÍTULO II – ANÁLISE DOS POEMAS “CARTA A STALINGRADO E CANTO A STALINGRADO”

Desde a primeira leitura o poema “Carta a Stalingrado” do livro *A Rosa do Povo* (1945) de Carlos Drummond Andrade, e o poema “Canto a Stalingrado” do livro *Terceira Residência* (1947) de Pablo Neruda, permite delinear um mapa configurativo do trânsito eu/lírico narrador no espaço e na época de suas produções, em tempos de fins de guerra, dois homens buscam-se situar-se no mundo e nas questões sociais de seus tempos a partir de um referencial: o pós-guerra na cidade de Stalingrado.

A sangrenta Batalha de Stalingrado foi o começo do fim para os Nazistas, que tentaram o que Napoleão não conseguira – invadir a Rússia. A Batalha durou mais de cinco meses, entre 17 de Julho de 1942 e 2 de Fevereiro de 1943. Os alemães começaram a ofensiva afundando 32 navios russos no Rio Volga e bloqueando-o para evitar a chegada de reservas russas. Em seguida a Luftwaffe despejou mais de 1.000 toneladas de bombas e arrasou a cidade. Stalin impediu os civis de saírem, a fim de que isso motivasse mais os defensores russos. Um bombardeio alemão em 23 de Agosto de 1942 destruiu 90% da área de Voroshilovskiy, onde se pode observar nos trechos de Drummond:

Stalingrado...
Depois de Madri e de Londres, ainda há grandes cidades!
O mundo não acabou, pois que entre as ruínas
Outros homens surgem, a face negra de pó e de pólvora
E o hálito selvagem da liberdade dilata seus peitos(...)
A poesia fugiu dos livros, agora está nos jornais.
Os telegramas de Moscou repetem Homero. (ANDRADE, *A Rosa do Povo*)

E se correlaciona com a poesia de Neruda, onde obviamente ele comemorou a queda do fascismo em Stalingrado, mas ainda assim sua atitude poética centrava-se na união pelo bem, e não simplesmente na cessação do mal:

Hoje sabemos que a virgem, forte
agora você sabe, a Rússia, solidão e frio.
Quando milhares de conchas de seu coração partido,
quando com escorpiões crime e veneno,
Stalingrado, eles vão para morder seu corpo,
Dança de Nova Iorque, Londres meditar, e eu digo "merde"
porque meu coração não pode ajudar, e nossa
corações

não pode, mas não pode
em um mundo que permite que seus heróis morrem sozinhos.
(NERUDA, Terceira Residência – Tradução: Oswaldo Orico).

Inicialmente o Exército Alemão (Wehrmacht) atacou com 270.000 homens. Quando os russos lançaram sua contra-ofensiva, em 19 de Novembro de 1942, usaram 1.103.000 homens, 15mil canhões, mil e quatrocentos tanques e mais de mil aviões de combate. Os alemães deslocaram por ordem de Hitler um total de um milhão de homens, com dez mil canhões e 732 aviões.

Ao final da luta, os russos capturaram um total de 130 mil homens, incluindo todo o 6º Exército, comandado pelo Marechal Von Paulus que se rendeu apesar de ordens expressas de Hitler de não se entregar. Mortos alemães totalizaram 146 mil. Mas a vitória foi dolorosa para os russos, que tiveram mais de 480 mil mortos, sendo mais de 40 mil civis.

As cidades podem vencer, Stalingrado!
Penso na vitória das cidades, que por enquanto é apenas uma
fumaça subindo do Volga.
Penso no colar de cidades, que se amarão e se defenderão
contra tudo.
Em teu chão calcinado onde apodrecem cadáveres,
a grande Cidade de amanhã erguerá a sua Ordem.
(ANDRADE, A Rosa do Povo).

De todos os feitos dos povos em luta pela liberdade e contra a opressão ao longo da história, sem dúvida um dos maiores foi a vitória dos comunistas sobre as forças fascistas na cidade de Stalingrado! Um feito épico, tenebroso, mortal, incomensurável em seu sofrimento, na sua luta, na justeza da tática e da estratégia, na soma de esforços, na inquebrantável força espiritual dos que lutam pela liberdade, contra o terror e a opressão! Assim foi Stalingrado!

A "Carta a Stalingrado" é uma ode, um canto, ao mesmo tempo linda e temerosa diante da ação coletiva de seres humanos em defesa de um mundo melhor. O horror da guerra não permite galanteios nem meias palavras.

Ao falar da antiga União Soviética, símbolo do socialismo utópico e da possibilidade de uma sociedade mais justa e mais humana, Drummond usa o objeto flor para compor o ambiente de felicidade e de esperança que a concretização dessa filosofia poderia trazer.

Stalingrado, quantas esperanças!
 Que flores, que cristais e músicas o teu nome nos derrama!
 Que felicidade brota de tuas casas.
 (ANDRADE, A Rosa do Povo).

Canto a Stalingrado de Pablo Neruda foi lido em público e espalhado pelas ruas da Cidade do México, provocando diversas reações contrárias. Alguns achavam que as ruas não eram lugares para poesia, outros diziam que o texto político era uma profanação da poesia. O poema foi lido no Teatro do Sindicato dos Eletricistas, e no dia seguinte, o texto, reproduzido em cartazes, espalhou-se por todos os muros da capital mexicana. Imediatamente alguns jornais protestaram: um poeta não podia utilizar a rua para divulgar poesia política. Surgiu, então, uma acirrada polêmica nos jornais.

Felizmente já temos parentes da família, mas ainda não consegui a defender-se, mãe.
 Cidade, dos bombeiros da cidade, resistir até que um dia vir, índios náufragos, para jogar suas paredes com um beijo de crianças que esperavam alcançar.

Stalingrado, ainda não Segunda Frente
 mas não caem apesar de ferro e fogo
 mordê-lo dia e noite.
 (NERUDA, Terceira Residência – Tradução: Oswaldo Orico).

Neruda tinha o dom de construir metáforas, de unir organicamente duas palavras que, antes dele, jamais tinham sido aproximadas. Pegava um substantivo e um adjetivo e fazia uma combinação inverossímil, soldava, cimentava, amalgamava, e, dessa construção alquímica, irradiava um novo elemento: a poesia. Durante toda a sua vida trabalhou de maneira sábia e diligente na construção de sua imagem: a do poeta aclamado, a do intelectual respeitado, a do senador comunista e a do porta-voz dos oprimidos (BIONDO, 2005).

Infelizmente, aos poetas lhe tocaram viver numa época cheia de incertezas, guerras, tiranias, perseguições e privações de liberdade. Mas felizmente foi também uma época em que os jovens, intelectuais e artistas, na sua maioria, ainda possuíam uma porta aberta, uma opção de vida, uma ideologia a seguir: o impetuoso e pujante caminho da militância política.

CAPÍTULO III – ANÁLISE DOS POEMAS “TELEGRAMA DE MOSCOU E NUEVO CANTO DE AMOR A STALINGRADO”

A mesma guerra que dividia o mundo e destruíra a Europa produzia no México uma alteração dos sentidos, uma irritação no ânimo de todos, e no Brasil não se fez diferente, principalmente no temperamento daqueles que defendiam o avanço do fascismo. E em resposta a esta guerra que destruiu a cidade de Stalingrado, os poetas Carlos Drummond de Andrade e Pablo Neruda através dos poemas “Telegrama de Moscou” do livro *A Rosa do Povo* (1945), e o poema “Nuevo canto de amor a Stalingrado” do livro *Terceira Residência* (1947) retrataram a real situação desta cidade afetada por esta batalha sangrenta através de sentimentos de esperança e em tempos melhores.

De acordo com Costa (2009), o poema Telegrama de Moscou foi escrito de modo mais prosaico, não seguem um padrão rítmico tradicionalmente privilegiado. A marcação do ritmo está associada ao sentimento do eu-lírico diante do que lê e percebe. Estamos diante de uma correspondência escrita em versos. O uso de pontuação ao final de cada verso é fundamental para que o leitor tenha a impressão de estar lendo um telegrama, cujas principais características são a dinâmica das frases e a economia das palavras:

Pedra por pedra reconstruiremos a cidade.
Casa e mais casa se cobrirá o chão.
Rua e mais rua o trânsito ressurgirá. (ANDRADE, 2002)

Os versos são objetivos e os substantivos não recebem qualificações:

Começaremos pela estrada de ferro e pela usina de energia elétrica.
Outros homens, em outras casas, continuarão a mesma certeza.
(ANDRADE, 2002).

A voz presente no poema não é mais a do poeta brasileiro, mas a do povo (poeta) de Moscou que o informa sobre sua nova tarefa:

Pedra por pedra reconstruiremos a cidade.
Casa e mais casa se cobrirá o chão.
Rua e mais rua o trânsito ressurgirá.
Começaremos pela estrada de ferro e pela usina de energia elétrica. [...]
Sobraram apenas algumas árvores [...]
Stalingrado: o tempo responde. (ANDRADE, 2002).

O poema inteiro soa como um bombardeio de palavras de expressão forte, com poder manipulador sobre a consciência do povo.

Na medida em que os soviéticos lutavam contra os alemães e obtinham êxito, aumentava o prestígio da nação comunista diante do poeta chileno. A invasão do exército nazista, comandado pelo general Von Pulus, a Stalingrado, em 1942, e a épica resistência soviética com a derrota dos alemães, em 1943, serviram de inspiração para Neruda (FERNANDES, 2011). E em resposta às provocações e reações por parte daqueles que, como o diário *Novedades*, achavam que as ruas não eram lugares para poesia, menos ainda para poesia política e homenagem à vitória soviética, Neruda redigiu Nuevo canto de amor a Stalingrado:

Eu escrevi sobre a água e sobre o tempo
pintei a dor e seu metal cobreado
Escrevi sobre o céu e a natureza
Agora escrevo sobre Stalingrado

As noivas já guardam no seu lenço
raios de meu amor enamorado;
meu coração agora está no solo
na fumaça e na luz de Stalingrado

Já toquei com as mãos líricas a fimbria
do crepúsculo azul e derrotado
agora toco a própria luz da vida
nascendo com a do sol de Stalingrado.
[...]

Ponho minha alma livre onde desejo
E não me nutro de papel cansado,
Impregnado de tinta e de tinteiro
Nasci para cantar a Stalingrado

A minha voz chorou teus grandes mortos,
Junto aos teus próprios muros abalados.
Soou na voz dos sinos e dos ventos,
Sentindo-te morrer Stalingrado
(NERUDA, 1943 – Tradução Osvaldo Orico)

Segundo Fernandes (2011), em uma estrofe mais à frente, Neruda retoma a imagem da Espanha que ele vira ser destruída pelos bombardeios nazi-fascistas, durante a Guerra Civil. No entanto, agora, o inimigo vencido se põe aos pés de Stalingrado, a representação alegórica da vitória comunista na Segunda Guerra Mundial:

Os que da Espanha queimaram e a destruíram,
Deixando o coração encarcerado,
Da velha mãe de mestres e guerreiros

Estendem-se a teus pés , Stalingrado
(NERUDA, 1943 – Tradução Osvaldo Orico)

Em Telegrama de Moscou, além do eufemismo presente em “Sobraram apenas algumas árvores / com cicatrizes, como soldados”, e da prosopopeia em “O vento varreu a dura lembrança” e “Stalingrado: o tempo responde”, ocorre também uma catacrese em “Mas o assombro, a fábula / gravam no ar o fantasma da antiga cidade / que penetrará o corpo da nova” (COSTA, 2009).

Pode-se definir como poesia de circunstância, cuja característica principal, segundo Matvejevitch (1979), é a representação de fatos da vida atual, a partir de uma atitude engajada política e socialmente por parte do poeta.

Telegrama de Moscou também deposita no tempo (futuro) a esperança de reconstrução da cidade de Stalingrado devastada pelos alemães. Verbos empregados no futuro do presente do indicativo sinalizam a obstinação do povo em reerguer sua dignidade a partir dos escombros:

[...] Pedra por pedra reconstruiremos a cidade.
Casa e mais casa se cobrirá o chão.
Rua e mais rua o trânsito ressurgirá [...].
(ANDRADE, 2002)

Desta vez o elemento utópico, embora continue presente em todo o percurso discursivo do poema, precisa dividir seu espaço com a atitude de resistência, outro elemento visceral da poesia drummondiana. É o final da guerra, e o povo (subentendido a partir do recurso elíptico empregado no poema) contabiliza o saldo negativo da investida do exército nazista sobre a cidade russa:

Sobraram apenas algumas árvores com cicatrizes, como soldados.
A neve baixou, cobrindo as feridas.
(ANDRADE, 2002)

Na última estrofe de “Nuevo canto de amor a Stalingrado”, o poeta chileno, ao usar a metáfora *granada obscura* para sua poesia, revela-nos que os versos engajados funcionam como instrumento e arma contra as injustiças cometidas pelo Eixo:

Guarda-me um floco de violenta espuma,
Guarda-me um rifle, guarda-me um arado
E que ponham na minha sepultura
Como espiga simbólica do estado

Para que saibam, se haja alguma dúvida,
 Que morri por amar-te, sendo amado,
 E não combati, por desventura,
 Eu te ofereço essa granada obscura,
 Este canto de amor a Stalingrado.
 (NERUDA, 1943 – Tradução Osvaldo Orico)

Em seguida Drummond escreve que, livres do trauma provocado pela experiência de extrema violência, pois “o vento varreu a dura lembrança”, a esperança de recomposição dos estilhaços deixados pela guerra ressurge no espírito do povo:

[...] Mas o assombro, a fábula gravam no ar o fantasma da antiga cidade
 que penetrará o corpo da nova.
 Aqui se chamava e se chamará sempre Stalingrado.
 Stalingrado: o tempo responde.
 (ANDRADE, 2002)

Para Bosi (2000) a poesia é inerentemente histórica. Ela tem por mérito o poder de desmascarar as forças opressoras historicamente dominantes e promover novas formas de percepção da vida em sociedade. Tudo isso graças ao poder criativo do poeta, esse artífice da palavra que consegue trazer para o interior da sua criação todos os movimentos perceptíveis da existência, desde os mais delicados até os de natureza trágica.

Considerando a quantidade de versos presentes no poema analisado, relacionada a datas historicamente importantes no contexto dos grandes acontecimentos do século passado, podemos observar que há referências implícitas entre os componentes numéricos e os anos históricos. Em 1917 iniciou-se (oficialmente) a Revolução Russa, e Telegrama de Moscou possui 17 versos, onde os 17 versos coincidem com o ano em que o povo russo chegou ao poder, por meio da revolução de 1917. O ideal de reconstrução da cidade de Stalingrado presente no poema retoma esse espírito revolucionário.

Nos versos finais, Neruda remete a algo instigador para que de alguma maneira se lute por um mundo mais justo. Ora com granadas ora com palavras. É uma bela homenagem e um pedido sincero de agradecimento a esse momento decisivo da Segunda Guerra Mundial, foi expresso nos versos que se segue:

Para que saibam, se haja alguma duvida
 Que morri por amar-te, sendo amado,
 E não combati, por desventura,

Eu te ofereço essa granada obscura,
Este canto de amor a Stalingrado.
(NERUDA, 1943 – Tradução Osvaldo Orico)

A provocação de Neruda ao colar poemas nos muros da cidade não ficaria sem resposta: numa agradável tarde de domingo, o poeta e seus amigos conversavam euforicamente num parque de Cuernavaca sobre a guerra e a tirania, quando um grupo de nazistas alemães os atacou repentinamente, agredindo os homens, as mulheres e também uma criança. Neruda foi levado a um hospital com uma ferida de mais de dez centímetros na parte superior da cabeça. A polícia local jamais encontrou os agressores (SKREPETZ, 2007).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

De um modo geral, podemos afirmar que os quatro poemas são construídos a partir da percepção de um presente arruinado. Com o fim da guerra em 1945, o mundo não é mais o mesmo. As cidades onde os ataques foram mais intensos estão destruídas, milhões de pessoas estão mortas, em sua maioria, judeus, vítimas dos campos de concentração nazista. Na periferia do centro crítico da guerra, nações inteiras estão abaladas pelas consequências psicológicas e sociais geradas pela guerra.

Carlos Drummond de Andrade e Pablo Neruda, à época mais conturbada da recente história mundial, não deixou de expressar seu estado de perplexidade diante do horror e seu sentimento de esperança. A guerra propriamente dita ocorre bem distante do poeta brasileiro e próximo do chileno. Mas isso não importa, porque, segundo eles, as suas inquietações e perplexidades tomam forma de versos, e os rumores do mundo em guerra se tornam objetos de suas criatividade.

REFERÊNCIAS

- AGUIRRE, M. **Las vidas de Pablo Neruda**. Santiago do Chile: Zigzag, 1967.
- ALONSO, A. **Poesía y estilo de Pablo Neruda**. Buenos Aires: Losada, 1940.
- ALVES, J. G. **Três quadros do mundo**. Revista do Brasil. São Paulo, p. 100, outubro de 1944.
- ANDRADE, C. D. **A rosa do povo**. Rio de Janeiro: Record, 2002.
- _____. **Reunião: 10 livros de poesia**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1978.
- _____. **Sentimento do mundo**. Rio de Janeiro: MEDIAfashion, 2008. (Coleção Folha Grandes Escritores Brasileiros, v. 4).
- _____. **Poesia e prosa**. 6.ed. (revisada e atualizada), Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1988.
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70; 1979.
- BIONDO, D. **Neruda e o México: encontros e desencantos**. Revista Letras, n. 65, p.43-69, jan./abr. 2005. Editora UFPR.
- BOSI, A. **O ser e o tempo da poesia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- CORTÍNEZ, C. **Lectura de Madrigal Escrito en Invierno**. In: SIMPOSIO PABLO
- COSTA, C. A. C. **“Calo-me, espero, decifro”. Os rumores do mundo em guerra na poesia de Carlos Drummond Andrade**. TriceVersa, Assis, v.2, n.2, nov.2008-abr. 2009.
- DRUMMOND: uma visita. Exposição comemorativa do centenário de Carlos Drummond de Andrade. **Memória literária XV**. Fundação Casa de Rui Barbosa: Rio de Janeiro, 2002.
- FERNANDES, C. C. **Engajamento político em tempos de exceção: Um estudo da produção poética de Pablo Neruda**. Darandina Revisteletrônica - <http://www.ufjf.br/darandina/>. Anais do Simpósio Internacional Literatura, Crítica, Cultura V: Literatura e Política, realizado entre 24 e 26 de maio de 2011 pelo PPG Letras: Estudos Literários, na Faculdade de Letras da Universidade Federal de Juiz de Fora.
- FIGUEROA, I. A.; OLIVARES, B. E. **Mi amigo Pablo**. Santiago do Chile: Grupo Editorial Norma, 2003.
- PAULA, M. F. **Neruda no Brasil; O Brasil em Neruda**. Cadernos de Letras da UFF – Dossiê: Diálogos Interamericanos, nº 38, p. 185-203, 2009.

MATVEJEVITCH, P. **Pour une poétique de l'événement**. Paris: Union Générale d'Editions, 1979.

NERUDA. **Madrid**: Las Américas, 1975.

NERUDA, P. **Nuevo canto de amor a Stalingrado**. Disponível em: <<http://santosnegrón.tripod.com/la-soledad-y-los-estudios/id23.html>>. Acesso em: 21 setembro de 2011. [1943].

_____. **Terceira Residência**. Porto Alegre: LPM, 2004 (contém uma edição bilíngüe de España en el corazón).

_____. **Terceira Residência**. Porto Alegre: LPM, 2004, Tradução de Osvaldo Orico.

RODRÍGUEZ MONEGAL, E. **El viajero inmóvil. Introducción a Pablo Neruda**. Buenos Aires: Losada, 1966.

SANT'ANNA, A. R. "Prefácio". In: ANDRADE, C. D. **A rosa do povo**. Rio de Janeiro: Record, 2002.

SKEREPETZ, I.; **BUENO, A. Neruda e a guerra**. Revista Luminária. Volume 1, Número 8 / 2007.

TEITELBOIM, V. **Neruda**. Santiago de Chile: Editorial Sudamericana, 2000.

ANEXOS

POEMAS ESTUDADOS

Carlos Drummond De Andrade

Carta a Stalingrado

Stalingrado...

Depois de Madri e de Londres, ainda há grandes cidades.

O mundo não acabou, pois que entre as ruínas
outros homens surgem, a face negra de pó e de pólvora,
e o hálito selvagem da liberdade
dilata os seus peitos, Stalingrado,
seus peitos que estalam e caem
enquanto outros, vingadores, se elevam.

A poesia fugiu dos livros, agora está nos jornais.

Os telegramas de Moscou repetem Homero.

Mas Homero é velho. Os telegramas cantam um mundo novo
que nós, na escuridão, ignorávamos.

Fomos encontrá-lo em ti, cidade destruída,
na paz de tuas ruas mortas mas não conformadas.
no teu arquejo de vida mais forte que o estouro das bombas,
na tua fria vontade de resistir.

Saber que resistes.

Que enquanto dormimos, comemos e trabalhamos, resistes.

Que quando abrirmos o jornal pela manhã teu nome (em ouro
[oculto]) estará firme no alto da página.

Terá custado milhares de homens, tanques e aviões, mas valeu

[a pena.

Saber que vigias, Stalingrado,
 sobre nossas cabeças, nossas prevenções e nossos confusos
 [pensamentos distantes
 dá um enorme alento à alma desesperada
 e ao coração que duvida.

Stalingrado, miserável monte de escombros, entretanto
 [resplandecente!
 As belas cidades do mundo contemplam-te em pasmo e
 [silêncio.

Débeis em face do teu pavoroso poder,
 mesquinhas no seu esplendor de mármore salvos e rios não
 [profanados,
 as pobres e prudentes cidades, outrora gloriosas, entregues
 [sem luta,
 aprendem contigo o gesto de fogo.
 Também elas podem esperar.

Stalingrado, quantas esperanças!
 Que flores, que cristais e músicas o teu nome nos derrama!
 Que felicidade brota de tuas casas!
 De umas apenas resta a escada cheia de corpos;
 de outras o cano de gás, a torneira, uma bacia de criança.

Não há mais livros para ler nem teatros funcionando nem
 [trabalho nas fábricas,
 todos morreram, estropiaram-se, os últimos defendem pedaços
 [negros de parede,
 mas a vida em ti é prodigiosa e pulula como insetos ao sol,
 6 minha louca Stalingrado!

A tamanha distância procuro, indago, cheiro destroços
[sangrentos,
apalpo as formas desmanteladas de teu corpo,
caminho solitariamente em tuas ruas onde há mãos soltas e
[relógios partidos,
sinto-te como uma criatura humana, e que és tu, Stalingrado,
[senão isto?
Uma criatura que não quer morrer e combate,
contra o céu, a água, o metal, a criatura combate,
contra milhões de braços e engenhos mecânicos a criatura
[combate,
contra o frio, a fome, a noite, contra a morte a criatura
[combate,
e vence.

As cidades podem vencer, Stalingrado!
Penso na vitória das cidades, que por enquanto é apenas uma
[fumaça subindo do Volga
Penso no colar de cidades, que se amarão e se defenderão
[contra tudo
Em teu chão calcinado onde apodrecem cadáveres,
a grande Cidade de amanhã erguerá a sua

Telegrama de Moscou

Pedra por pedra reconstruiremos a cidade.
Casa e mais casa se cobrirá o chão.
Rua e mais rua o trânsito ressurgirá.
Começaremos pela estação da estrada de ferro
e pela usina de energia elétrica.
Outros homens, em outras casas,
continuarão a mesma certeza.
Sobraram apenas algumas árvores
com cicatrizes, como soldados.
A neve baixou, cobrindo as feridas.
O vento varreu a dura lembrança.
Mas o assombro, a fábula
gravam no ar o fantasma da antiga cidade
que peneirá o corpo da nova.
Aqui se chamava
e se chamará sempre Stalingrado.
— Stalingrado: o tempo responde.

POEMAS ESTUDADOS

Pablo Neruda

Canto a Stalingrado

En la noche él labriego duerme, despierta y hunde
su mano en las tinieblas preguntando a la aurora:
alba, sol de mañana, luz del día que viene,
dime si aún las manos más puras de los hombres
defienden el castillo del honor, dime, aurora,
si el acero en tu frente rompe su poderío,
si el hombre está en su sitio, si el trueno está en su sitio,
dime, dice el labriego, si no escucha la tierra
cómo cae la sangre de los enrojecidos
héroes, en la grandeza de la noche terrestre,
dime si sobre el árbol todavía está el cielo,
dime si aún la pólvora suena en Stalingrado.

Y el marinero en medio del mar terrible mira
buscando entre las húmedas constelaciones
una, la roja estrella de la ciudad ardiente,
y halla en su corazón esa estrella que quema,
esa estrella de orgullo quieren tocar sus manos,
esa estrella de llanto la construyen sus ojos.

Ciudad, estrella roja, dicen el mar y el hombre,
ciudad, cierra tus rayos, cierra tus puertas duras,
cierra, ciudad, tu ilustre laurel ensangrentado,
y que la noche tiemble con el brillo sombrío
de tus ojos detrás de un planeta de espadas.

Y el español recuerda Madrid y dice: hermana,
resiste, capital de la gloria, resiste:
del suelo se alza toda la sangre derramada
de España, y por España se levanta de nuevo,

y el español pregunta junto al muro
de los fusilamientos, si Stalingrado vive:
y hay en la cárcel una cadena de ojos negros
que horadan las paredes con tu nombre,
y España se sacude con tu sangre y tus muertos,
porque tú le tendiste, Stalingrado, el alma
cuando España paría héroes como los tuyos.
Ella conoce la soledad, España,
como hoy, Stalingrado, tú conoces la tuya.
España desgarrò la tierra con sus uñas
cuando París estaba más bonita que nunca.
España desangraba su inmenso árbol de sangre
cuando Londres peinaba, como nos cuenta Pedro
Garfias, su césped y sus lagos de cisnes.

Hoy ya conoces eso, recia virgen,
hoy ya conoces, Rusia, la soledad y el frío.
Cuando miles de obuses tu corazón destrozan,
cuando los escorpiones con crimen y veneno,
Stalingrado, acuden a morder tus entrañas,
Nueva York baila, Londres medita, y yo digo "merde",
porque mi corazón no puede más y nuestros
corazones no pueden más, no pueden
en un mundo que deja morir solos sus héroes.

Los dejáis solos? Ya vendrán por vosotros!
Los dejáis solos?
Queréis que la vida
huya a la tumba, y la sonrisa de los hombres
sea borrada por la letrina y el calvario?
Por qué no respondéis?
Queréis más muertos en el frente del Este
hasta que llenen totalmente el cielo vuestro?
Pero entonces no os va a quedar sino el infierno.
El mundo está cansándose de pequeñas hazañas,
de que en Madagascar los generales

maten con heroísmo cincuenta y cinco monos.

El mundo está cansado de otoñales reuniones
presididas aún por un paraguas.

Ciudad, Stalingrado, no podemos
llegar a tus murallas, estamos lejos.
Somos los mexicanos, somos los araucanos,
somos los patagones, somos los guaraníes,
somos los uruguayos, somos los chilenos,
somos millones de hombres.

Ya tenemos por suerte deudos en la familia,
pero aún no llegamos a defenderte, madre.
Ciudad, ciudad de fuego, resiste hasta que un día
lleguemos, indios náufragos, a tocar tus murallas
con un beso de hijos que esperaban llegar.

Stalingrado, aún no hay Segundo Frente,
pero no caerás aunque el hierro y el fuego
te muerdan día y noche.

Aunque mueras, no mueres!

Porque los hombres ya no tienen muerte
y tienen que seguir luchando desde el sitio en que caen
hasta que la victoria no esté sino en tus manos
aunque estén fatigadas y horadadas y muertas,
porque otras manos rojas, cuando las vuestras caigan,
sembrarán por el mundo los huesos de tus héroes
para que tu semilla llene toda la tierra.

Canto a Stalingrado

Tradução – Oswaldo Orico

À noite, o fazendeiro dorme, acorda e sumidouros
sua mão na escuridão da madrugada perguntando:
amanhecer, sol da manhã, luz do dia vem,
diga-me se mesmo nas mãos mais puro dos homens
defender o castelo de honra, diga-me, aurora,
se o aço na sua cara quebrar o seu poder,
se o homem está no lugar, se o trovão está em vigor,
Diga-me, diz o agricultor, se ouviu a terra
à medida que cai a partir do sangue vermelho
heróis, na grandeza da noite terrena,
diga-me se a árvore ainda é o céu,
diga-me se isso soa pólvora em Stalingrado.

E o marinheiro no mar parece terrível
procurando entre as constelações molhado
uma, a estrela vermelha da cidade em chamas,
e está em seu coração essa estrela que queima,
a estrela de orgulho quero tocar suas mãos,
a estrela do prédio chorando seus olhos.

Cidade, estrela vermelha, dizem que o mar e o homem,
da cidade, perto seus raios, fechar suas portas difícil
fechado, cidade, o seu ilustre sangue louro,
ea noite tremendo de brilhar escuro
seus olhos para trás um mundo de espadas.

E o espanhol se lembra de Madrid e diz irmã
resiste, capital da glória, resiste:
do solo sobe todo o sangue
Espanha, e a Espanha foi para cima novamente,
e a questão espanhola ao longo da parede

do tiroteio, se Stalingrado ao vivo:
e lá na cadeia uma cadeia de olhos negros
que perfuram as paredes com o seu nome,
e Espanha shakes seu sangue e seus mortos
porque você deitou, Stalingrado, a alma
quando a Espanha deu heróis como o seu nascimento.
Ela sabe a solidão, Espanha,
como hoje, Stalingrado, você sabe o seu.
Espanha rasgou a terra com as unhas
quando Paris era mais bonito do que nunca.
Espanha sangrou sua árvore enorme de sangue
quando Londres penteado, como Pedro nos diz
Garfias, o seu gramado e cisnes lagos.

Hoje sabemos que a virgem, forte
agora você sabe, a Rússia, solidão e frio.
Quando milhares de conchas de seu coração partido,
quando com escorpiões crime e veneno,
Stalingrado, eles vão para morder seu corpo,
Dança de Nova Iorque, Londres meditar, e eu digo "merde"
porque meu coração não pode ajudar, e nossa
corações
não pode, mas não pode
em um mundo que permite que seus heróis morrem sozinhos.

O deixar sozinho? Eles virão para você!
O deixar sozinho?
Deve a vida
fugir para o túmulo, eo sorriso dos homens
ser excluído da latrina e do Calvário?
Por que não responde?
Quer mais mortos na Frente Oriental
até que seu totalmente encheu o céu?
Mas então você vai ser, mas o inferno.

O mundo está cansado de obras de pequeno porte,
que os generais em Madagascar
heroicamente matou 55 macacos.

O mundo está cansado de reuniões do Outono
ainda presidido por um guarda-chuva.

Cidade, Stalingrado, não podemos
ter suas paredes, estamos longe.
Nós mexicanos são os araucanos,
são os patagônios são os Guarani
nós uruguaio, chilenos são,
são milhões de homens.

Felizmente já temos parentes da família,
mas ainda não consegui a. defender-se, mãe.
Cidade, dos bombeiros da cidade, resistir até que um dia
vir, índios náufragos, para jogar suas paredes
com um beijo de crianças que esperavam alcançar.

Stalingrado, ainda não Segunda Frente
mas não caem apesar de ferro e fogo
mordê-lo dia e noite.

Apesar de não morrer, morrer!

Porque os homens não têm a morte
e deve continuar a luta a partir do site em queda
até a vitória não está apenas em suas mãos
mesmo que eles estão cansados e entediados e mortos
porque outras mãos vermelho quando a sua queda,
plantadas em todo o mundo os ossos de seus heróis
para preencher a tua descendência toda a terra.

Nuevo canto de amor a Stalingrado

Yo escribí sobre el tiempo y sobre el agua,
describí el luto y su metal morado,
yo escribí sobre el cielo y la manzana,
ahora escribo sobre Stalingrado.

Ya la novia guardó con su pañuelo
el rayo de mi amor enamorado,
ahora mi corazón está en el suelo,
en el humo y la luz de Stalingrado.

Yo toqué con mis manos la camisa
del crepúsculo azul y derrotado:
ahora toco el alba de la vida
naciendo con el sol de Stalingrado.

Yo sé que el viejo joven transitorio
de pluma, como un cisne encuadrado,
desencuaderna su dolor notorio
por mi grito de amor a Stalingrado.

Yo pongo el alma mía donde quiero.
Y no me nutro de papel cansado
adobado de tinta y de tintero.
Nací para cantar a Stalingrado.

Mi voz estuvo con tus grandes muertos
contra tus propios muros machacados,
mi voz sonó como campana y viento
mirándote morir, Stalingrado.

A hora americanos combatientes
blancos y oscuros como los granados,

matan en el desierto a la serpiente.
Ya no estás sola, Stalingrado.

Francia vuelve a las viejas barricadas
con pabellón de furia enarbolado
sobre las lágrimas recién secadas.
Ya no estás sola, Stalingrado.

Y los grandes leones de Inglaterra
volando sobre el mar huracanado
clavan las garras en la parda tierra.
Ya no estás sola, Stalingrado.

Hoy bajo tus montañas de escarmiento
no sólo están los tuyos enterrados:
temblando está la carne de los muertos
que tocaron tu frente, Stalingrado.

Tu acero azul de orgullo construido,
tu pelo de planetas coronados,
tu baluarte de panes divididos,
tu frontera sombría, Stalingrado.

Tu Patria de martillos y laureles,
la sangre sobre tu esplendor nevado,
la mirada de Stalin a la nieve
tejida con tu sangre, Stalingrado.

Las condecoraciones que tus muertos
han puesto sobre el pecho traspasado
de la tierra, y el estremecimiento
de la muerte y la vida, Stalingrado

La sal profunda que de nuevo traes
al corazón del hombre acongojado
con la rama de rojos capitanes
salidos de tu sangre, Stalingrado.

La esperanza que rompe en los jardines
como la flor del árbol esperado,
la página grabada de fusiles,
las letras de la luz, Stalingrado.

La torre que concibes en la altura,
los altares de piedra ensangrentados,
los defensores de tu edad madura,
los hijos de tu piel, Stalingrado.

Las águilas ardientes de tus piedras,
los metales por tu alma amamantados,
los adioses de lágrimas inmensas
y las olas de amor, Stalingrado.

Los huesos de asesinos malheridos,
los invasores párpados cerrados,
y los conquistadores fugitivos
detrás de tu centella, Stalingrado.

Los que humillaron la curva del Arco
y las aguas del Sena han taladrado
con el consentimiento del esclavo,
se detuvieron en Stalingrado.

Los que Praga la Bella sobre lágrimas,
sobre lo enmudecido y traicionado,
pasaron pisoteando sus heridas,
murieron en Stalingrado.

Los que en la gruta griega han escupido,
la estalactita de cristal truncado
y su clásico azul enrarecido,
ahora dónde están, Stalingrado?

Los que España quemaron y rompieron
dejando el corazón encadenado
de esa madre de encinos y guerreros,
se pudren a tus pies, Stalingrado.

Los que en Holanda, tulipanes y agua
salpicaron de lodo ensangrentado
y esparcieron el látigo y la espada,
ahora duermen en Stalingrado.

Los que en la noche blanca de Noruega
con un aullido de chacal soltado
quemaron esa helada primavera,
enmudecieron en Stalingrado.

Honor a ti por lo que el aire trae,
lo que se ha de cantar y lo cantado,
honor para tus madres y tus hijos
y tus nietos, Stalingrado.

Honor al combatiente de la bruma,
honor al Comisario y al soldado,
honor al cielo detrás de tu luna,
honor al sol de Stalingrado.

Guárdame un trozo de violenta espuma,
guárdame un rifle, guárdame un arado,
y que lo pongan en mi sepultura
con una espiga roja de tu estado,

para que sepan, si hay alguna duda,
que he muerto amándote y que me has amado,
y si no he combatido en tu cintura
dejo en tu honor esta granada oscura,
este canto de amor a Stalingrado.

Nuevo canto de amor a Stalingrado

Tradução – Oswaldo Orico

Eu escrevi sobre a água e sobre o tempo
pintei a dor e seu metal cobreado
Escrevi sobre o céu e a natureza
Agora escrevo sobre Stalingrado

As noivas já guardam no seu lenço
raios de meu amor enamorado;
meu coração agora está no solo
na fumaça e na luz de Stalingrado

Já toquei com as mãos líricas a fímbria
do crepúsculo azul e derrotado
agora toco a própria luz da vida
nascendo com a do sol de Stalingrado

Sinto que o velho-jovem transitório
De pluma , como os cisnes adornado,
Despe a roupagem de seu mal notório
Por meu grito de amor a Stalingrado

Ponho minha alma livre onde desejo
E não me nutro de papel cansado,
Impregnado de tinta e de tinteiro
Nasci para cantar a Stalingrado

A minha voz chorou teus grandes mortos,
Junto aos teus próprios muros abalados.
Soou na voz dos sinos e dos ventos,
Sentindo-te morrer Stalingrado

Agora , americanos combatentes,

Desiguais como a polpa dos granados
Trucidam nos desertos a serpente
Já não está sozinha , Stalingrado

E os grandes leões altivos de Inglaterra,
Planando sobre o mar encapelado,
Vão as garras cravar na escura terra
Já não estás sozinha , Stalingrado

Sob tuas montanhas de escarmento,
Não estão só teus filhos enterrados:
Treme a carne de mortos e feridos
Que te tocaram a fronte Stalingrado

Jazem desfeitas hordas invasoras,
Triturados os olhos dos soldados:
De sangue estão coberto os sapatos
Que quiseram pisar-te Stalingrado

Teu aço azul , forrado de bravura,
Teu cabelo de estrelas coroadas,
Teu baluarte de pães distribuídos,
Tua fronteira em sombra Stalingrado

A pátria de martelos e de louros,
Sangue a correr sobre o esplendor nevado;
O duro olhar de Stalin sobre a neve
Bordada com teu sangue , Stalingrado;

A esperança que irrompe nos pomares
Como o fruto de uma árvore esperado;
A página gravada de fuzis,
As palavras da luz Stalingrado

A torre que projetas nas alturas,
Os alteres de pedras ensangüentados ;
Os defensores de ciclo de ouro,
Filhos de tua carne, Stalingrado

As águas esculpidas em teus bronzes,
Os metais em tua alma amamentados,
Os adeuses de lágrimas imensas,
As ondas de saudade , Stalingrado

Os ossos de assassinos malferidos,
As invasoras pálpebras cerradas
E outros conquistadores fugitivos
De tua chispa heróica Stalingrado:

Os que o arco do triunfo profanaram
E por águas de Sena não penetrado
Com o fatal beneplácito do escravo,
Tiveram de deter-se em Stalingrado

Os que em Praga , a formosa , sobre lágrimas,
Num solo emudecido e atraídoado,
Passaram , pisoteando-lhe as feridas,
Morreram sobre o chão de Stalingrado

Os que cuspiram sobre a gruta grega
Na estalactite de cristal truncado
E em seu clássico azul enrarecido,
Onde agora estarão , Stalingrado?

Os que da Espanha queimaram e a destruíram,
Deixando o coração encarcerado,
Da velha mãe de mestres e guerreiros
Estendem-se a teus pés , Stalingrado

Os que na Holanda os tulipais e as águas
Salpicaram de lobo ensangüentado
E distribuíram látigos de espada,
Agora dormem sob Stalingrado

Os que na noite branca da Noruega ,
Com uivos de chacal desesperado,
Queimaram a gelada primavera,
Estão mudos no chão de Stalingrado

Glória a ti pelo ar com que renovas
o que se há-de cantar e se há cantado;
glória às mães , honra aos filhos valorosos
e aos teus netos , invicta Stalingrado

E glória ao legionário das estepes.
Aquele que comanda e ao que é soldado:
Honra ao céu para além da lua branca,
Honra ao sol , honra á luz de Stalingrado

Guarda-me um floco de violenta espuma,
Guarda-me um rifle , guarda-me um arado
E que ponham na minha sepultura
Como espiga simbólica do estado

Para que saibam , se haja alguma dúvida,
Que morri por amar-te , sendo amado,
E não combati , por desventura,
Eu te ofereço essa granada obscura,
Este canto de amor a Stalingrado.